





Figure 1. Relationship between the number of fish and the number of prey items.

where  $N$  is the number of fish,  $P$  is the number of prey items, and  $K$  is the carrying capacity.

The carrying capacity  $K$  is the maximum number of fish that can be supported by the environment. In this study,  $K$  is set to 1000. The relationship between  $N$  and  $P$  is shown in Figure 1. The number of prey items  $P$  is equal to the number of fish  $N$  when  $N$  is less than or equal to  $K$ . When  $N$  is greater than  $K$ , the number of prey items  $P$  is equal to  $K$ . This relationship is used to calculate the number of prey items available to the fish in the system.

moral põe por terra tudo quanto seja Bom e estabelece o Bem, fundamentando-se através de conceitos *humanamente* construídos.

Entrementes, não conhecemos o que é o bom, nunca o experimentamos, uma vez que não suportaríamos conhecê-lo, pois o que é bom para nós vai de encontro a tudo quanto a moral nos *marcou*. O bom, para nós, é inominável.

Nietzsche denomina o sujeito ético de nobre, enquanto o sujeito moral é o escravo. O nobre nietzschiano é o que *cria para si* o que é bom e o que é ruim. Ao passo que o escravo é o que recebe *de fora* o bom e o mau, nada cria, aceita o que a moral lhe impõe:

“Enquanto toda moral nobre nasce de um triunfante Sim a si mesma, já de início a moral escrava diz Não a um ‘fora’, ‘um outro’, um ‘não-eu’ - e *este* Não é seu ato criador. Esta inversão do olhar que estabelece valores - este *necessário* dirigir-se para fora, em vez de voltar-se para si - é algo próprio do ressentimento: a moral escrava sempre requer, para nascer, um mundo oposto e exterior, para poder agir em absoluto - sua ação é no fundo uma reação”<sup>2</sup>

As imagens do nobre e do escravo são fundamentais para a compreensão do sujeito ético situado. Entende-se por nobre o sujeito que está no *processo*. Processo este que se constitui na realização de si, na realização de sua vontade de potência, tendo como fim último, como horizonte, o Super-homem.

Enquanto o homem nobre vive em sinceridade e franqueza para consigo, o homem escravo vive no *ressentimento*, não sendo franco para consigo, vivendo numa *má-consciência*:

“Mesmo o ressentimento do homem nobre, quando aparece, se consome e se exaure numa reação imediata, por isso não *envenena*. (...) Um homem tal sacode de si, com *um* movimento, muitos vermes que em outros se enterrariam”<sup>3</sup>

O homem escravo é o homem do ressentimento, em cada ato seu que vai de encontro aos preceitos morais, vem ao seu encontro a culpa, a má-consciência, o remorso, ou seja, a doença.

## Super-homem, escravo e sujeito ético situado

### *O Ético Situado cria valores e tolera outros*

Nietzsche, através de *Zaratustra*, anuncia o *novo homem*, o *Übermensch* (Super-homem). O Super-homem assume seu desejo de poder, que traduz-se, para ele, como desejo de viver. O *Übermensch* é a superação do homem e Nietzsche conclama este novo homem, “um homem que justifique o homem, de um acaso feliz do homem, complementar e redentor, em virtude do qual possamos manter a *fé no homem!*”<sup>4</sup>

Os *homens da praça pública*, conforme anuncia Zaratustra, dizem que *todos* são iguais. Perante Deus não há superiores, não há um mais que outro: é a uniformidade humana. Entretanto, este *Deus está morto*, e o forte não quer ser igual à população, ele deseja o *além*: o Além-homem. Conforme Nietzsche:

“Homens superiores, fugi da praça pública! (...) Homens superiores, esse Deus foi o vosso maior perigo. Ressuscitastes desde que ele jaz na sepultura. Só agora torna o Grande Meio-Dia; agora torna-se senhor o homem superior.”<sup>5</sup>

O super-homem é o homem forte, o homem do não-ressentimento, o que realiza sua vontade de potência, assumindo-a a todo custo sem jamais se culpar, sem jamais se ressentir; é o homem do amor a si, do cuidado de si, é o homem ético:

“Exigir da força que não se expresse como força, que não seja um querer-dominar, um querer-vencer, um querer-subjugar, uma sede de inimigos, resistências e triunfos, é tão absurdo quanto exigir da fraqueza que se expresse como força”<sup>6</sup>

O homem superior é o homem que afirma a vida em sua maior instância. “Na Escola Bélica da vida - O que não me faz morrer me torna mais forte”<sup>7</sup> O homem superior é o homem do Sim.

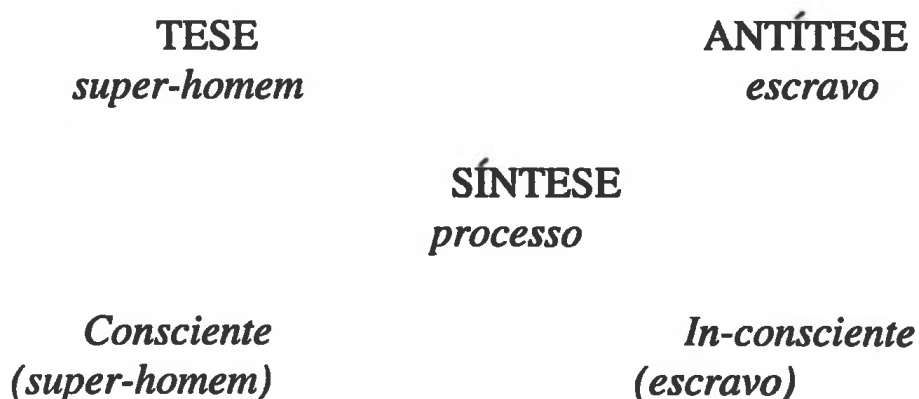
Em contrapartida a esse homem superior, ao nobre, nasce o escravo. Eis a fórmula escrava: “Eu sou bom, portanto tu és mau. Tu és mau, portanto eu sou bom”<sup>8</sup>

O escravo é o sujeito do ressentimento, de culpa e da negação. O escravo é necessário ao nobre para que este realize sua vontade de poder, de dominação. Entrementes, quando isto ocorre, o escravo utiliza da fórmula acima para se *defender*. O escravo é fraco, não luta e não pode lutar contra o nobre, todavia, ele usa de *conceitos* para frear a dominação e a violência do nobre: eis a moral universal triunfante.

O escravo tem ciência de sua fraqueza, mas cria meios de sobrepujar o nobre, meios como a união, Deus e o preceito moral *ame a teu próximo como a ti mesmo*. Aí reside a força do escravo.

O nobre termina por não realizar sua vontade, pois agora residem em sua <nova> *consciência* o ressentimento, o medo da punição divina, o medo de uma *eternidade* sofredora. A moral escrava é tão poderosa que se tornaram reais (ao menos intimamente) os conceitos *consciência*, *eternidade*, Deus e, com o triunfo de tal moral, o homem, literalmente, esqueceu-se que estes não passam de conceitos e palavras vazias, que na verdade não existem e nunca existiram.

A Ética Situada nasce da superação dialética entre o super-homem e o escravo.



Tomamos o super-homem como tese e o escravo como sua contradição interna (antítese). Em ambos os casos a possibilidade de realização é nula; independente de sua necessidade *ideológica*, uma vez que, enquanto *idéia*, faz-se necessário crer num super-homem para tornar-

se ético, da mesma forma a *idéia* do escravo é necessária ao sujeito moral. Como torna-se impossível alcançar qualquer dos objetivos, é preciso superá-los, é preciso encontrar uma síntese de ambos.

Confrontando-se Tese e Antítese, surge a *idéia* de *processo*, enquanto Síntese. Todavia, este homem do processo não é *novo*. Este é o homem do *agora*, o homem da moral vigente, da única moral vigente.

Contudo, neste *processo* ainda ocorre uma subdivisão, são elas: Consciente e In-consciente.

O sujeito que está Consciente no Processo é o que deseja ser ético, o que tem como horizonte último o *Übermensch*; mesmo *tendo ciência de sua impossibilidade*, e é unicamente por tal motivo que se encontra Consciente do Processo.

De outro lado temos o sujeito In-consciente do Processo. Este tem como *telos* o Escravo. Justamente aí reside sua inconsciência: ele realmente crê que, com perseverança e amor ao próximo (ou seja, segundo os preceitos cristãos), chegará à *perfeição*; que, em última instância, nada é senão a santidade. A perfeição do sujeito In-consciente é a realização última de todos os preceitos morais, tais como: amor ao próximo e a Deus sobre todas as coisas; uma vez que amando a Deus e ao outro ele não cometerá nenhum *crime*. Adultério, roubo, assassinato, inveja, orgulho, ira... Tudo é superado, pois é Santo. O sujeito In-consciente no Processo não tem *idéia* da falácia do conceito escravo, ele crê que pode chegar a *Ele* e, em sua mediocridade afirma para si que não o alcança pelo fato de ser ele próprio *um ser imperfeito*.

Este sujeito *tem* ciência de que está no Processo, mas não reconhece que o fim último a ser alcançado (o escravo) não existe, é apenas um conceito, uma *idéia*, uma moral e é pelo fato de *não reconhecê-lo* que é In-consciente.

\* \* \*

A Ética Situada se constitui, singularmente, pelo sujeito Consciente. Este é o sujeito que, sabendo-se aprisionado por uma moral, com seus conceitos universais de bem e mal, busca uma forma de se realizar potencialmente. Ele reconhece que tais conceitos - Bem, Mal, Consciência e



and the resulting changes in the hydrodynamic regime. The study of the hydrodynamic regime is essential for the management of the estuary.

#### References

- Almeida, R. 2004. *Estuário de Taubaté*. São Paulo: Editora da Universidade de Taubaté. 110 pp.
- Almeida, R. 2006. *Estuário de Taubaté*. São Paulo: Editora da Universidade de Taubaté. 110 pp.
- Almeida, R. 2008. *Estuário de Taubaté*. São Paulo: Editora da Universidade de Taubaté. 110 pp.
- Almeida, R. 2010. *Estuário de Taubaté*. São Paulo: Editora da Universidade de Taubaté. 110 pp.
- Almeida, R. 2012. *Estuário de Taubaté*. São Paulo: Editora da Universidade de Taubaté. 110 pp.
- Almeida, R. 2014. *Estuário de Taubaté*. São Paulo: Editora da Universidade de Taubaté. 110 pp.
- Almeida, R. 2015. *Estuário de Taubaté*. São Paulo: Editora da Universidade de Taubaté. 110 pp.
- Almeida, R. 2016. *Estuário de Taubaté*. São Paulo: Editora da Universidade de Taubaté. 110 pp.
- Almeida, R. 2017. *Estuário de Taubaté*. São Paulo: Editora da Universidade de Taubaté. 110 pp.
- Almeida, R. 2018. *Estuário de Taubaté*. São Paulo: Editora da Universidade de Taubaté. 110 pp.
- Almeida, R. 2019. *Estuário de Taubaté*. São Paulo: Editora da Universidade de Taubaté. 110 pp.
- Almeida, R. 2020. *Estuário de Taubaté*. São Paulo: Editora da Universidade de Taubaté. 110 pp.
- Almeida, R. 2021. *Estuário de Taubaté*. São Paulo: Editora da Universidade de Taubaté. 110 pp.
- Almeida, R. 2022. *Estuário de Taubaté*. São Paulo: Editora da Universidade de Taubaté. 110 pp.
- Almeida, R. 2023. *Estuário de Taubaté*. São Paulo: Editora da Universidade de Taubaté. 110 pp.
- Almeida, R. 2024. *Estuário de Taubaté*. São Paulo: Editora da Universidade de Taubaté. 110 pp.
- Almeida, R. 2025. *Estuário de Taubaté*. São Paulo: Editora da Universidade de Taubaté. 110 pp.

#### Abbreviations

- ALMEIDA, R. 2004. *Estuário de Taubaté*. São Paulo: Editora da Universidade de Taubaté. 110 pp.
- ALMEIDA, R. 2006. *Estuário de Taubaté*. São Paulo: Editora da Universidade de Taubaté. 110 pp.
- ALMEIDA, R. 2008. *Estuário de Taubaté*. São Paulo: Editora da Universidade de Taubaté. 110 pp.
- ALMEIDA, R. 2010. *Estuário de Taubaté*. São Paulo: Editora da Universidade de Taubaté. 110 pp.
- ALMEIDA, R. 2012. *Estuário de Taubaté*. São Paulo: Editora da Universidade de Taubaté. 110 pp.
- ALMEIDA, R. 2014. *Estuário de Taubaté*. São Paulo: Editora da Universidade de Taubaté. 110 pp.
- ALMEIDA, R. 2015. *Estuário de Taubaté*. São Paulo: Editora da Universidade de Taubaté. 110 pp.
- ALMEIDA, R. 2016. *Estuário de Taubaté*. São Paulo: Editora da Universidade de Taubaté. 110 pp.
- ALMEIDA, R. 2017. *Estuário de Taubaté*. São Paulo: Editora da Universidade de Taubaté. 110 pp.
- ALMEIDA, R. 2018. *Estuário de Taubaté*. São Paulo: Editora da Universidade de Taubaté. 110 pp.
- ALMEIDA, R. 2019. *Estuário de Taubaté*. São Paulo: Editora da Universidade de Taubaté. 110 pp.
- ALMEIDA, R. 2020. *Estuário de Taubaté*. São Paulo: Editora da Universidade de Taubaté. 110 pp.
- ALMEIDA, R. 2021. *Estuário de Taubaté*. São Paulo: Editora da Universidade de Taubaté. 110 pp.
- ALMEIDA, R. 2022. *Estuário de Taubaté*. São Paulo: Editora da Universidade de Taubaté. 110 pp.
- ALMEIDA, R. 2023. *Estuário de Taubaté*. São Paulo: Editora da Universidade de Taubaté. 110 pp.
- ALMEIDA, R. 2024. *Estuário de Taubaté*. São Paulo: Editora da Universidade de Taubaté. 110 pp.
- ALMEIDA, R. 2025. *Estuário de Taubaté*. São Paulo: Editora da Universidade de Taubaté. 110 pp.



## NOTAS

---

- <sup>1</sup> Marilena CHAUI. *Introdução à História da Filosofia*, p. 310.
- <sup>2</sup> Friedrich NIETZSCHE. *Genealogia da Moral*, p.29.
- <sup>3</sup> *Ibid.*, p.31.
- <sup>4</sup> *Ibid.*, p.35.
- <sup>5</sup> Friedrich Nietzsche. *Assim Falou Zaratustra*, p.217.
- <sup>6</sup> Friedrich Nietzsche. *Genealogia da Moral*, p.36.
- <sup>7</sup> Friedrich Nietzsche. *Crepúsculo dos Ídolos*, p.10.
- <sup>8</sup> Gilles DELEUZE. *Nietzsche e a Filosofia*, p.99.
- <sup>9</sup> Eliane Robert MORAES. *Marquês de Sade: um libertino no salão dos filósofos*, p. 53.